

# Molduras e enquadramentos: reflexões metodológicas para uma análise interacionista

Frames and framing: Methodological insights for an interactionist analysis

Matheus Mazzilli Pereira<sup>1</sup>  
matheus.mazzilli@gmail.com

## Resumo

*Esse trabalho busca discutir e aproximar as principais propostas metodológicas desenvolvidas no âmbito da perspectiva interacionista do enquadramento interpretativo aplicada ao estudo de movimentos sociais. Argumenta-se que dois modelos foram desenvolvidos a partir de pressupostos teóricos e conceituais distintos: um voltado para a análise de estruturas cognitivas mentais internas e outro para a análise das negociações de sentido. É proposto um modelo metodológico alternativo que aproxima essas abordagens a partir das reflexões desenvolvidas por teorias sociológicas pragmáticas, bem como a partir das contribuições da análise de conteúdo e de discurso. Tal proposta metodológica é exemplificada por um estudo das interações entre o movimento dos direitos animais e a mídia de massa em Porto Alegre.*

**Palavras-chave:** enquadramento interpretativo, interacionismo, análise.

## Abstract

*This article aims to discuss and connect the main methodological proposals developed by the interactionist perspective on framing applied to social movement studies. It is argued that two models were developed from distinct theoretical and conceptual assumptions: one focused on the analysis of internal mental cognitive structures and the other on the analysis of the meaning negotiation processes. The article proposed an alternative methodological model that connects these approaches. This model draws on theoretical insights developed by pragmatic sociological theories and by content and discourse analysis. The methodological proposal is illustrated with a research on the interactions between the animal rights movement and the mass media in Porto Alegre.*

**Keywords:** framing, interactionism, analysis.

## Introdução

A abordagem do enquadramento interpretativo aplicada ao estudo de movimentos sociais influenciou de forma decisiva a literatura internacional sobre o tema nas últimas décadas, tendo contribuído para a formulação dos principais modelos contemporâneos de análise da ação coletiva (McAdam *et al.*, 1999; McAdam *et al.*, 2001; Tarrow, 2009). Inspirados pelo conceito interacionista de "enquadramento", desenvolvido por Goffman (1986, 2012), autores desenvolvem o conceito de "molduras interpretativas da ação coletiva" (MIAC), definidas

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Av. Paulo Gama, 110, 90040-060, Porto Alegre,  
RS, Brasil.



como esquemas de interpretação que "simplificam e condensam aspectos do 'mundo lá fora'" com o intuito de "mobilizar potenciais aderentes e constituintes, garantir apoio dos espectadores e desmobilizar antagonistas" (Snow e Benford, 1988, p. 198, tradução minha), inspirando e legitimando as ações de movimentos sociais (Benford e Snow, 2000). Esse conceito contribui para esse campo de estudos ao salientar que a interpretação humana é um elemento fundamental para a análise do confronto político, tomando o ator como um construtor ativo de significados (e não como mero "portador" de ideologias), bem como ressaltando a dimensão simbólica da disputa presente nos confrontos políticos (Benford e Snow, 2000; Noakes e Johnston, 2005; Silva *et al.*, no prelo; Snow e Byrd, 2007).

Tais desenvolvimentos teóricos, no entanto, não foram acompanhados por um esforço sistemático de construção de métodos e técnicas de produção e análise de dados para o uso dessa abordagem em estudos empíricos (Benford, 1997). Esse trabalho busca explorar e articular as possibilidades metodológicas para a segunda dessas etapas da investigação: a análise. Como é possível compreender e sistematizar as interpretações e os processos de atribuição de sentido presentes no confronto político? Busca-se, nesse artigo, apresentar as principais propostas de análise de enquadramento interpretativo desenvolvidas para estudos de movimentos sociais. Argumenta-se que as diferenças entre essas propostas têm como origem a distância entre os pressupostos conceituais, epistemológicos e ontológicos sobre os quais são construídas. Tendo em vista esse cenário, esse artigo busca sugerir uma síntese conceitual e metodológica dessas contribuições a partir de uma experiência de pesquisa que buscou compreender os enquadramentos desenvolvidos pelo movimento dos direitos animais na cidade de Porto Alegre em sua interação com a grande mídia local (Pereira, 2014).

Na próxima seção, é apresentado o debate metodológico sobre a análise de molduras interpretativas existente na literatura sobre movimentos sociais. Em seguida, são expostas reflexões vistas nesse artigo como "pontes" teóricas e metodológicas para aproximar os modelos existentes. A partir daí, busca-se construir, detalhar e exemplificar uma alternativa sintética para o debate. Na terceira seção, é apresentada, em linhas gerais, a pesquisa empírica a partir da qual tal alternativa foi construída. Nas seções de número quatro e cinco, a proposta da análise é detalhada e exemplificada a partir de tal pesquisa. Em um último momento, considerações finais são apresentadas.

## O problema: estruturas mentais e interações

Dentre as perspectivas metodológicas apresentadas pela literatura sobre movimentos sociais, é possível identificar dois modelos de análise de dados que se diferenciam em muitos aspectos. Por um lado, determinados autores partem de um conceito internalista de molduras, definindo-as como estruturas cognitivas mentais internas utilizadas pelos atores (de forma mais

ou menos consciente) para compreender e interpretar o "mundo lá fora" em situações e interações diversas. Por outro lado, outros teóricos partem de um conceito relacional de molduras, concebendo o enquadramento como um processo de negociação de sentido necessariamente vinculado a situações específicas de interação nas quais os próprios significados emergem.

Um exemplo do primeiro desses tipos de definição pode ser encontrado no trabalho de Hank Johnston. Segundo o autor, Erving Goffman define molduras como

*[...] construtos mentais que organizam a percepção e a interpretação. A partir de uma perspectiva cognitivista, molduras são usualmente descritas como esquemas de resolução de problemas armazenados na memória para a tarefa interpretativa de navegar na vida cotidiana e dar sentido às situações que se apresentam (Johnston, 2005, p. 238-239, tradução minha).*

Dessa forma, o autor defende que "a 'verdadeira localização' de uma moldura está na memória do ator social" (Johnston, 2005, p.240, tradução minha). Partindo de tal definição, são desenvolvidos métodos que buscam "reconstruir" tais estruturas cognitivas mentais internas a partir da análise de materiais de texto, imagem ou som, que seriam suas formas empíricas de manifestação.

Koenig (2004), por exemplo, busca identificar e agrupar palavras e expressões textuais, conectando tais elementos ao significado que detêm para os atores sociais. Assim, são realizados levantamentos quantitativos de palavras e expressões recorrentes em materiais relacionados a movimentos sociais, articulando-se tais elementos ao seu significado para o confronto político (Koenig, 2004).

Outros atores se distanciam da técnica de levantamento e medição de palavras e expressões, buscando identificar relações entre os diversos elementos interpretativos presentes nos materiais analisados. Nesse sentido, pesquisadores buscam reconstruir "fotografias" comparáveis de molduras por meio da identificação e organização hierárquica das principais estruturas abstratas de significado (as estruturas mentais internas) presentes em determinados textos (suas manifestações empíricas). Dessa forma, são construídas árvores hierárquicas de elementos simbólicos que se conectam verticalmente, relações que seriam invisíveis em uma análise realizada a partir de uma técnica de simples levantamento quantitativo de palavras e expressões (Johnston, 1995; 2005; Johnston e Oliver, 2005; Oliver e Johnston, 2005).

Nesse caso, as molduras são "paralisadas no tempo e no espaço" por meio de tais "fotografias", na medida em que as dinâmicas situacionais do enquadramento são resumidas a uma grande estrutura cognitiva que orientaria a interpretação dos atores em dado recorte espaçotemporal, depreendidas de textos produzidos no âmbito de interações específicas. Mesmo admitindo que o enquadramento é um processo ininterrupto, autores optam por um "método prático" que torna possível uma análise padronizada dos dados para a realização de pesquisas comparativas que analisem mudanças nas molduras utilizadas por dife-

rentes movimentos sociais, ou ainda por um mesmo movimento em recortes espaçotemporais distintos (Johnston, 1995, 2005; Johnston e Oliver, 2005; Oliver e Johnston, 2005).

Por outro lado, outros estudiosos partem do pressuposto de que o enquadramento interpretativo é um processo dinâmico e interativo de negociação de sentido. Defende-se que um mesmo ator tende a utilizar diferentes molduras para compreender e representar a realidade de acordo com as situações específicas nas quais está situado, bem como de acordo com os interlocutores específicos nelas envolvidos. Indivíduos seriam "plurais", não podendo ser abstraída uma estrutura mental única que os guia em todas as suas interações. Ademais, cada interação deve alterar as relações simbólicas entre os atores, produzindo e reconfigurando interpretações (Benford, 1997; Snow e Benford, 2005).

Nessa perspectiva, a "verdadeira localização" das molduras não estaria na mente dos indivíduos, mas sim nas interações sociais situadas no tempo e no espaço. Snow e Benford (2005), então, defendem que,

*Certamente, molduras interpretativas da ação coletiva são, em parte, entidades cognitivas que auxiliam a interpretação e a ação social, mas, sociologicamente, a sua essência reside na interação social situada, isto é, nas discussões e nos debates interpretativos internos nos quais atores ligados a movimentos sociais se engajam, bem como nas batalhas de enquadramento que ocorrem entre atores ligados a movimentos sociais e outros atores situados no campo de ação do movimento, tais como contramovimentos, adversários e até mesmo a mídia (Snow e Benford, 2005, p. 207, tradução minha).*

Logo, afirma-se que, mesmo tendo-se em conta preocupações de viabilidade metodológica, molduras não podem ser "paralisadas" no tempo e no espaço de forma reificada ou ser decompostas em estruturas fixas de significado. Pelo contrário, a análise deve estar focada nos processos interativos de negociação de sentido, destacando-se o papel da agência humana na mobilização e construção de interpretações (Benford, 1997; Snow e Benford, 2005). Os métodos para que tal análise seja feita, no entanto, são raramente explicitados de forma sistemática.

Esse trabalho busca propor uma metodologia de análise interacionista que utilize contribuições de ambas as perspectivas citadas<sup>2</sup>, tendo-se como base uma aproximação teórica e conceitual entre os pressupostos dessas abordagens, bem como reflexões metodológicas propostas por analistas de conteúdo e de discurso. Estabelecem-se como foco os debates sobre a perspectiva do enquadramento aplicada ao estudo de movimentos sociais. As reflexões aqui apresentadas, porém, podem ser estendidas ao campo de estudos da ação coletiva como um todo, que tem apresentado uma tendência contemporânea de valorização

de pressupostos relacionais de análise (McAdam *et al.*, 2001)<sup>3</sup>, bem como a estudos interacionistas de outros campos de debate.

## Aproximações teóricas e metodológicas

Defende-se, nesse trabalho, que a possibilidade de aproximação entre os pressupostos teóricos que dão base aos dois modelos metodológicos apresentados na seção anterior pode ser encontrada em uma análise aprofundada de teorias pragmáticas da ação social. Em primeiro lugar, soluções teóricas podem ser encontradas na própria perspectiva que dá origem ao conceito de enquadramento interpretativo: o interacionismo simbólico de Goffman. Ao longo de sua trajetória intelectual, esse autor buscou ressaltar como significados e interpretações não determinam diretamente a ação social dos indivíduos, demonstrando como os próprios atores sociais sabem manipular cotidianamente (de forma mais ou menos consciente) as mensagens por eles emitidas de acordo com seus objetivos em uma interação (Goffman, 2002, 2011).

Esse autor é criticado por ocultar, nessas análises, qualquer tipo de estrutura social que influencie os atores em sua tarefa interpretativa. O livro *Frame Analysis: An essay on the organization of experience*<sup>4</sup> e o conceito de "molduras interpretativas" nele apresentado podem ser vistos como espécies de respostas a estas críticas. Partindo de uma crítica ao "Teorema de Thomas" – a ideia de que, se as pessoas definem algo como real, esse algo é real em suas consequências, Goffman (2012, p. 23) defende que "definir as situações como reais tem certamente consequências, mas estas só podem ter incidência muito marginal sobre os acontecimentos em curso". Assim, "se não é o ator que, isoladamente, define a situação, então se depreende que outras forças definidoras entram em cena" (Silva *et al.*, no prelo). Essas forças estruturais definidoras são justamente as molduras interpretativas, definidas como "princípios de organização que governam os acontecimentos [...] e nosso envolvimento subjetivo neles" (Goffman, 2012, p. 34, tradução minha). Dessa forma, o autor resume que

*Presumivelmente deve-se quase sempre buscar uma "definição da situação", mas normalmente os que estão envolvidos na situação não criam esta definição, embora frequentemente se possa dizer que a sociedade a que pertencem o faz; ordinariamente, tudo o que eles fazem é avaliar corretamente o que a situação deveria ser para eles e então agir de acordo (Goffman, 2012, p. 23).*

Ao longo desse livro, Goffman (1986, 2012) apresenta situações diversas nas quais ora determinadas molduras influen-

<sup>2</sup> Esse projeto já foi empreendido, de forma diferente, por outros autores, como Johnston e Alimi (2013).

<sup>3</sup> A divisão entre a ideia de "molduras" e "enquadramentos", por exemplo, é semelhante à divisão entre "repertórios de ação coletiva" e "performances contestatórias" (McAdam *et al.*, 2001). É possível, portanto, criar pontes de conexão entre as possibilidades de análise desses elementos.

<sup>4</sup> Este livro foi traduzido para o português sobre o título de *Os Quadros da Experiência Social* (Goffman, 2012).

ciam decisivamente a ação dos atores, sendo por eles aplicadas de forma tácita (o enquadramento primário), ora, pelo contrário, atores as manipulam para construir determinadas definições das situações coerentes com seus objetivos de interação (como na construção de fabricações). Dessa forma, a sociologia de Goffman (1986, 2012) apresenta pressupostos teóricos que conciliam a existência de estruturas de significado internas que moldam as possibilidades de interpretação dos sujeitos à ação dinâmica do ator social, capaz de manipular essas diversas estruturas de significado de acordo com seus objetivos em uma interação.

A metáfora pragmática de Swidler (1986, 2001, 2008) que define cultura como uma "caixa de ferramentas" se aproxima dessa concepção. Segundo a autora, atores sociais têm acesso a diferentes repertórios culturais que os tornam capazes de compreender e justificar suas ações. Os "itens" dessa "caixa de ferramentas" cultural não formam um sistema integrado e coerente de significado, sendo potencialmente contraditórios. Atores utilizam partes desse repertório para dar sentido a suas ações em diferentes contextos. Nessa teoria, os entendimentos culturais dos sujeitos não são estruturados tendo como princípio a integração lógica de um sistema de significados, mas ao redor das necessidades e dilemas práticos dos atores sociais, que precisam dar sentido às suas linhas de ação. Portanto, atores sociais tendem a se contradizer por empregar diferentes recursos culturais em diferentes contextos, mas, ao mesmo tempo, tendem a buscar coerência entre suas linhas de ação e suas justificativas. Dessa forma, a autora se contrapõe a autores que creem que a cultura influencia a ação social por ser um sistema coerente de significados que determina os fins para a ação. Pelo contrário, Swidler (2008, p. 615, tradução minha) defende que "é mais provável que pessoas moldem seus objetivos ou fins de acordo com suas capacidades culturais do que reconstruam suas capacidades de acordo com seus fins".<sup>5</sup>

Nesse trabalho, são denominadas de "molduras interpretativas" as estruturas de significados presentes nas mentes dos indivíduos, definidas de forma mais precisa tal como Goffman (1986, 2012) propõe. Tais molduras são, de fato, abstrações analíticas, não sendo, portanto, tangíveis ou objetivas, mas recortes de estruturas de significados realizados pelo próprio pesquisador de forma atenta à interpretação dos atores sociais. O conjunto dessas molduras forma a "caixa de ferramentas" potencialmente contraditória que fornece os recursos culturais necessários para que os atores sociais possam compreender suas ações. Diferentes grupos sociais devem ter acesso a diferentes "caixas de ferramentas". Já o processo de "uso" e transformação das molduras em uma interação, por meio de uma negociação entre diversos atores, é denominado aqui de "enquadramento". Esse é, portanto, o processo que efetivamente ocorre quando observamos intera-

ções entre atores sociais, capaz de dar sentido à experiência e à ação social. Assim, depreende-se que uma análise interacionista deve ser capaz de analisar tanto as "molduras" quanto os "enquadramentos". Como fazer isso?

Nesse trabalho, busca-se aproximar as reflexões existentes sobre o método da análise de conteúdo (AC) ao estudo das molduras. Tal método é compatível com o conceito de "molduras", na medida em que, por meio de uma análise sistemática dos elementos simbólicos presentes em um texto, busca inferir os elementos que o geram e que nele se manifestam, tais como estados psicológicos e construções sociais (valores, percepções, etc.) (Bardin, 1977). Assim, é possível utilizar tal método para inferir as MIAC que dão base ao enquadramento dos atores por meio da análise de textos produzidos por ativistas em contextos de militância ou em referência a eles.

Procura-se, também, aproximar as reflexões produzidas por analistas de discurso à análise de enquadramento. A análise de discurso (AD) é compatível com o conceito de "enquadramento", na medida em que, ao tomar a produção textual como uma ação do ator (e não como reflexo de uma condição de produção), busca compreender como um discurso foi produzido em determinado contexto histórico, linguístico ou interativo, por meio de uma análise que vai além do próprio texto, explorando em profundidade o contexto em questão e sua relação com o discurso (Gill, 2002). Desta forma, é possível utilizar tal método para explorar as formas pelas quais atores constroem seu enquadramento de acordo com as dinâmicas interativas próprias e contingentes de determinado episódio de confronto. Tais aproximações<sup>6</sup> são apresentadas nas seções seguintes.

## Analizando interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia

A proposta metodológica aqui exposta foi produzida e executada no âmbito de uma pesquisa empírica sobre o enquadramento interpretativo em interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia na cidade de Porto Alegre. Essa investigação teve como principal objetivo identificar as disputas e dilemas de enquadramento vividos por ativistas nessas interações, bem como compreender que fatores geram as diversas respostas e posições por eles desenvolvidas.

De forma mais específica, foi possível observar que ativistas adotavam, em linhas gerais, três posicionamentos distintos ao produzirem enquadramentos em interações com representantes da grande mídia local. Em algumas interações, ativistas preferencialmente evidenciavam elementos simbólicos

<sup>5</sup> Para uma crítica a essa perspectiva, ver Vaisey (2008a, 2008b, 2009).

<sup>6</sup> Ressalta-se que a análise de discurso e a análise de conteúdo trazem consigo pressupostos teóricos distintos. Uma aproximação entre esses métodos só é possível, portanto, se uma aproximação teórica prévia entre esses pressupostos é delineada. Nesse trabalho, as teorias pragmáticas da ação fornecem a base teórica para essa aproximação (Goffman, 1986, 2012; Swidler, 1986).

moralmente centrais para a definição de sua luta pelos direitos animais, enfatizando em entrevistas com jornalistas a ideia de que animais são sujeitos de direitos e que, logo, não devem ser abatidos, confinados ou utilizados de qualquer forma para favorecer interesses humanos, divulgando conceitos como “especismo” e “senciência”. Em outras situações, ativistas, preferencialmente, ressaltavam elementos de sua identidade vegana em interações com jornalistas, descrevendo suas práticas cotidianas, que consistem na abstenção do consumo de produtos derivados da chamada exploração animal, tal como alimentos de origem animal, peles e produtos testados em animais. Por fim, em outro conjunto de interações, ativistas tendiam a mesclar aspectos da ideologia dos direitos animais e da identidade vegana a mensagens que imaginavam ser mais aceitas pelos leitores e pelos representantes da grande mídia, até mesmo ocultando em alguns casos aspectos moralmente centrais para a definição de sua luta e de sua identidade. Em busca de uma maior aceitação imediata de seu enquadramento, por exemplo, ativistas mobilizavam referências ao “tradicionalismo gaúcho” na defesa do fim do uso de animais para tração de carroças em Porto Alegre, mesmo sendo críticos de tal “tradição”, marcada pelo uso de animais em práticas como o churrasco e a montaria de cavalos<sup>7</sup> (Pereira, 2014).

Dessa forma, a análise empreendida nessa pesquisa buscava explorar molduras e enquadramentos nos seguintes sentidos. No que se refere ao primeiro desses elementos, era necessário identificar quais molduras estavam disponíveis para os ativistas de direitos animais, quais dessas molduras eram mobilizadas nessas interações, bem como compreender sua centralidade moral para a definição da luta e da identidade dos ativistas. Em outras palavras, era necessário identificar se as molduras disponíveis e mobilizadas poderiam ser compreendidas como: parte da “ideologia” dos direitos animais; elementos de definição da “identidade” vegana; ou elementos simbólicos socialmente disponíveis mobilizados pelos ativistas para “aprimorar” a aceitação de seu enquadramento, não conectados à definição moral da luta e da identidade dos militantes, tais como a “tradição gaúcha”. Por fim, no que se refere ao enquadramento, era necessário identificar como as dinâmicas das interações que produziam cada uma das notícias selecionadas (o primeiro contato com os jornalistas, a entrevista, a seção à qual a notícia seria destinada, entre outros) influenciavam ativistas a optar por determinada postura frente a representantes da grande mídia (Pereira, 2014).

No que tange à produção dos dados, foram utilizados os seguintes procedimentos. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento de notícias publicadas nos dois jornais de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul que envolviam ativistas de direitos animais. Após sua análise, foram selecionados três casos “exemplares” das três posturas identificadas nesse primeiro momento. Assim, foi realizada a análise dessas notícias, bem como entrevistas semiestruturadas com os ativistas e jornalistas nelas envolvidos, nas quais foram exploradas as molduras

utilizadas na matéria, a definição dos militantes de sua luta e de sua identidade, bem como as dinâmicas das interações nas quais as matérias foram construídas (Pereira, 2014).

Os procedimentos de análise de dados utilizados nessa pesquisa buscaram articular os conceitos de “moldura” e “enquadramento” a partir de contribuições da AC e da AD. O detalhamento das possibilidades e das características teóricas e metodológicas dessa aproximação é apresentado nas próximas seções.

## As molduras: análise de conteúdo

A AC parte do princípio de que, no conteúdo de mensagens de naturezas diversas – como texto, som e imagem –, se manifestam suas condições de produção, ou seja, os estados psicológicos, valores, normas e outros elementos que geram essa mensagem. Assim, o elemento básico de análise desse método é o conteúdo da própria mensagem a ser estudada. Tal conteúdo é submetido a procedimentos rigorosos de leitura, codificação e classificação, buscando-se, por meio de sua sistematização, inferências a respeito das estruturas que geram esta mensagem (Bardin, 1977).

Se este método é utilizado como uma forma de análise de MIAC, alguns pressupostos devem ser assumidos. Ontologicamente, assume-se que há sentidos pré-estruturados que estão nas mentes dos atores e que se manifestam (ao menos parcialmente) em sua comunicação. Esses sentidos, no entanto, não são unitários e necessariamente coerentes, mas múltiplos e potencialmente contraditórios. Epistemologicamente, assume-se que a análise das mensagens produzidas por esses atores permite o acesso (ao menos parcial) a esses sentidos pré-estruturados.

Dois “etapas” da AC são destacadas nesse trabalho: a preparação do material e a sua categorização. No que tange à preparação do material, em primeiro lugar, como em qualquer pesquisa sociológica, a AC é precedida da formulação de um problema de pesquisa e de objetivos da investigação, elementos que incidem decisivamente sobre as decisões posteriores. Investigações mais restritamente relacionadas ao mapeamento de molduras interpretativas e que apenas tangenciam o aspecto dinâmico do enquadramento focam-se em problemas de pesquisa como: a variação de molduras utilizadas por atores com características distintas em contextos distintos (Snow *et al.*, 2007); os resultados produzidos por diferentes tipos de moldura (Cress e Snow, 2000; Hewitt e McCammon, 2005; McCammon *et al.*, 2007); e os constrangimentos impostos por molduras primárias para o desenvolvimento de interpretações contenciosas (Johnston e Alimi, 2012). Tais estudos geralmente combinam métodos qualitativos de análise para o mapeamento de molduras a métodos quantitativos de análise para identificar como outros fenômenos sociais afetam e são afetados por molduras interpretativas.

<sup>7</sup> Essas posturas dos ativistas também refletem preferências de grupos e ativistas de movimentos sociais, aspecto não trabalhado nesse artigo.

Após a exploração necessária do campo, é selecionado o universo de documentos de interesse para a pesquisa (por exemplo, panfletos produzidos por militantes do movimento feminista no Rio Grande do Sul entre 1990 e 2000) e o corpus de análise, ou seja, os documentos efetivamente analisados (por exemplo, 34 panfletos de três organizações do movimento feminista gaúcho), processo que pode ser conduzido por meio de procedimentos estatísticos de amostragem. O principal critério de escolha de tais documentos é a sua relevância potencial para o problema de pesquisa e sua capacidade de manifestar os sentidos procurados (Bardin, 1977; Bauer, 2002). No caso do estudo de movimentos sociais, diversos tipos de documentos podem ser analisados. Podem ser citados como exemplos: folhetos e outros materiais de militância produzidos por organizações (Johnston e Alimi, 2012; McCammon et al., 2007, Pereira, 2014); jornais produzidos pela mídia tradicional<sup>8</sup> ou por ativistas (McCammon et al., 2007; Snow et al., 2007); entrevistas com militantes<sup>9</sup> (Pereira, 2014); e métodos etnográficos (Cress e Snow, 2000).

Já a categorização consiste no processo de agrupamento de elementos que tenham características comuns entre si. O processo de categorização é, em geral, acompanhado por um processo de codificação, no qual a cada categoria é determinado um código que será aplicado aos elementos da mensagem. A principal definição dessa etapa se refere à construção das categorias. Afinal, uma mesma mensagem poder ser explorada a partir de diversas dimensões de análise, definidas de acordo com os interesses de pesquisa estabelecidos (Bardin, 1977; Bauer, 2002). A natureza dessas categorias pode ser diversa, podendo ser semântica (baseada no significado dos elementos da mensagem), sintática (preocupada com a questão gramatical da disposição dos elementos em uma oração) ou léxica (baseada no agrupamento de palavras e expressões com sentidos próximos) para citar alguns exemplos (Bardin, 1977). No caso da análise de MIAC, a maior parte das análises se baseia em critérios semânticos de categorização. Provavelmente, a categorização mais conhecida nesse campo de estudos é a divisão das MIAC em seus componentes de diagnóstico, prognóstico e motivação (Benford e Snow, 2000; Cress e Snow, 2000; Snow e Benford, 1988; Snow e Byrd, 2007; Snow et al., 2007). Porém, outras formas de categorização das molduras são possíveis, como a identificação do "ator", do "objeto" e do "verbo" (ou seja, a construção do desafiante, do desafiado e da forma de ação) propostos pelas mensagens contestatórias (Johnston e Alimi, 2012).

Outra decisão importante no processo de categorização se refere ao problema da dedução/indução. Se alguns pesquisadores preferem partir de categorias e indicadores preestabelecidos (de acordo com seus pressupostos teóricos e com sua

experiência de campo), outros estudiosos preferem construir tais categorias ao longo da própria análise do material. Embora haja preferências que influenciam o resultado final do estudo, tal processo, em geral, inevitavelmente, envolve um misto de dedução e indução. Esta mescla pode ser intencionalmente perseguida (Bardin, 1977; Bauer, 2002).

Como exposto anteriormente, no que tange à análise das molduras, a pesquisa na qual essa proposta metodológica foi construída e executada buscou mapear as molduras disponíveis para ativistas de direitos animais a partir de seu uso em interações com a grande mídia. Em outras palavras, buscava-se caracterizar a "caixa de ferramentas" dos militantes abolicionistas. Ainda, procurou-se compreender a centralidade dos elementos mapeados para a definição moral da luta e das identidades dos ativistas. No que tange à definição dos materiais estudados, foram analisadas declarações de ativistas desse movimento para a grande mídia. Ainda, foram utilizadas entrevistas com os militantes, tendo-se como objetivo produzir material adicional para mapear as molduras disponíveis (perguntando-se aos ativistas, por exemplo, os motivos pelos quais se engajavam no movimento), bem como compreender a centralidade moral das molduras mapeadas para a definição da luta e das identidades dos militantes. Entrevistas eram necessárias para esse segundo objetivo, na medida em que não seria possível apreender a centralidade moral de tais molduras para os ativistas apenas a partir da análise das notícias sem consultá-los a respeito de suas convicções (Pereira, 2014).

As molduras foram agrupadas, justamente, a partir de categorias que exploram as diferentes centralidades das mensagens para a organização da experiência dos atores. Mesclando-se conceitos já existentes e novos conceitos, a partir das convicções expostas pelos ativistas em suas entrevistas, molduras foram categorizadas como: molduras ideológicas, molduras identitárias, molduras periféricas e fabricações. O processo de categorização foi intencionalmente indutivo e dedutivo, sendo auxiliado por um software. Primeiramente, foram mapeados grandes grupos "temáticos" que surgiram nas matérias e nas falas dos ativistas em entrevistas, tais como: ética, filosofia e direitos; bem-estar animal; meio-ambiente; proteção animal; tradição; entre outros. Para cada grande "temática" identificada nos textos e falas dos militantes, uma árvore de categorias era criada, organizando tais molduras de acordo com sua centralidade moral para a definição da luta e da identidade do ativismo por direitos animais, de acordo com cada entrevistado. As categorias mais abstratas e situadas em um nível de agregação superior representavam os conceitos citados para o exame dessa centralidade. Já os níveis inferiores da árvore eram categorias construídas a partir das

<sup>8</sup> O uso de jornais como fontes de dados para o estudo de movimentos sociais é comum não apenas em investigações relacionadas ao enquadramento interpretativo, sendo tradicional, por exemplo, na construção de catálogos de eventos de protesto (Silva et al., 2011). Para um debate sobre os limites e vieses dessa fonte, ver Earl et al. (2004).

<sup>9</sup> Para um debate sobre os limites e potencialidades do uso de entrevistas para análises que abordam aspectos culturais da ação social, ver Vaisey (2009) e Pugh (2013).

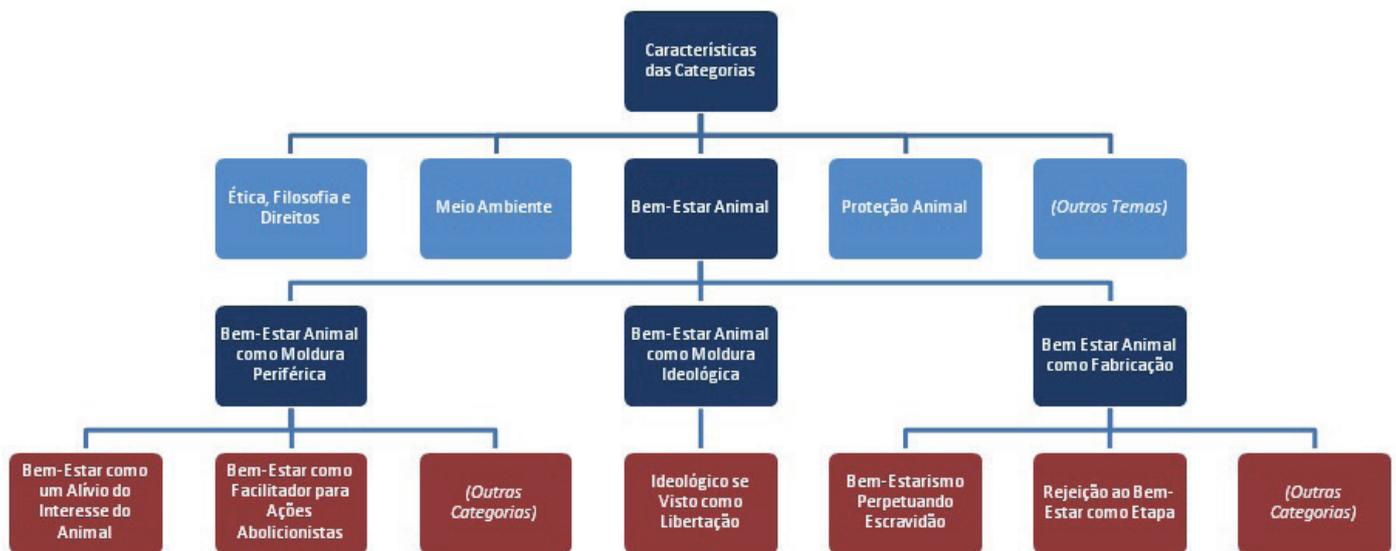


Figura 1. Categorização das Molduras na Temática do Bem-Estar Animal.  
Figure 1. Frames Categorization on the Topic of Animal Welfare.

falas e textos dos ativistas, de forma muito próxima ao seu referente empírico (Pereira, 2014).

A Figura 1 é um exemplo de uma árvore de categorias criada para classificar as percepções dos atores em relação à temática da luta pelo bem-estar animal. Projetos bem-estaristas são, geralmente, tratados como distintos em relação a objetivos abolicionistas, na medida em que apenas boas condições de vida dos animais (como bovinos) são discutidas, admitindo-se, por exemplo, a sua morte posterior, algo inaceitável para ativistas de direitos animais. Nessa árvore, as categorias criadas previamente à análise estão coloridas em azul (destacando-se em azul-escuro o "ramo" da análise da centralidade da temática do bem-estar), já as categorias construídas a partir da leitura do material estão associadas à cor vermelha. Assim, a partir dessa análise, foi possível identificar a presença de molduras do bem-estar animal em materiais e falas produzidas por ativistas, identificando-se que tais molduras tendiam a ser vistas ora como fabricações (sendo vistas como antagônicas aos objetivos do movimento dos direitos animais e, logo, moralmente impróprias para a definição da luta dos ativistas) e ora como molduras periféricas (não sendo vistas como completamente antagônicas à perspectiva dos direitos animais, mas sem representar as principais motivações dos ativistas e, logo, sendo pouco centrais para a definição moral de sua luta). Pode-se concluir, portanto, que uma mesma moldura tem sentidos múltiplos para o movimento, podendo ter até mesmo sentidos contraditórios para um mesmo ativista (Pereira, 2014).

Assim, o método da análise de conteúdo pode ser operacionalizado para a análise de molduras. As principais vantagens do uso desse tipo de análise são a possibilidade de busca por

sentidos não aparentes para o pesquisador, bem como a análise sistemática dos dados, permitindo a comparação e a demonstração clara dos critérios de análise (Bardin, 1977). Por outro lado, a AC não fornece elementos para a compreensão da produção de uma mensagem a não ser a partir de seu próprio conteúdo. Assim, é possível incorrer no erro de tratar molduras como se fossem "coisas" estáticas, apenas descrevendo seus elementos constitutivos, ignorando os processos de interação no qual enquadramentos são produzidos (Benford, 1997). A análise de enquadramento pensada a partir das contribuições da AD se foca nesse ponto central de uma análise interacionista: as dinâmicas contextuais e contingentes de uma interação.

## O enquadramento: análise de discurso interacionista

A AD parte do princípio de que a realidade e o conhecimento são construtos sociais historicamente situados. Trabalha-se, assim, com uma oposição à ideia de uma realidade inequívoca e homogênea que pode ser acessada pelas análises sociológicas (Gill, 2002; Pêcheux, 1997). O discurso é aquilo que constrói simbolicamente a realidade social, fixando sentidos e construindo significados e sujeitos. Dessa forma, texto, imagem e som não são vistos como a manifestação de estruturas "reais" que as geram, mas sim como ações dos atores sociais em busca da construção e reconstrução de sentidos e interpretações (Gill, 2002; Orlandi, 2005; Pinto, 2006).

Esse método de análise é compatibilizado a diversas tradições teóricas. Gill (2002) propõe que ao menos três grandes

vertentes teóricas se utilizam diferentemente desse tipo de análise. A linguística explora a AD para reconstruir o sistema de oposições presente na linguagem, examinando os efeitos que formas específicas da linguagem têm em determinadas situações. A tradição pós-estruturalista (representada por autores como Michel Foucault) busca na AD as condições históricas de formação dos significados e dos sujeitos, sem procurar um sujeito unificado e coerente. Por fim, estudos etnometodológicos e interacionistas utilizam esse método para examinar como a organização das interações sociais afeta a ação dos atores. Tais estudos enfatizam a orientação de ação da fala, ou seja, têm como foco examinar os objetivos que atores buscam conquistar por meio dela, e não sua relação com estruturas históricas, como no caso da análise pós-estruturalista (Gill, 2002). A partir dessa última "vertente" da AD, são construídas reflexões sobre a análise de enquadramento nesse trabalho.

A conexão da AD à análise de enquadramento também exige a aceitação de alguns pressupostos. Ontologicamente, assume-se que enquadramentos são construídos a partir de molduras preexistentes, mas sempre por meio da ação dos atores em um contexto interativo de produção de significados, no qual o sentido é negociado entre os atores de acordo com os interesses em jogo, podendo ocorrer a rearticulação e a transformação das molduras. Epistemologicamente, assume-se que é possível construir conhecimento a respeito desses processos de negociação de sentido por meio da análise das interações sociais.

É possível também sistematizar a AD em duas etapas: a organização do material e a análise propriamente dita. Assim como na AC, parte-se de um problema de pesquisa e de objetivos previamente estabelecidos. Nesse caso, no entanto, as questões que se beneficiam desse tipo de análise se redirecionam do "quê" para o "como". Se a AC está relacionada ao objetivo de buscar percepções, ideias e recursos culturais, a AD se relaciona ao estudo do uso negociado desses elementos (Gill, 2002; Orlandi, 2005). Gill (2002) exemplifica essa mudança de foco ao citar uma pesquisa sobre vegetarianismo:

*Diante da transcrição de uma discussão entre vegetarianos, por exemplo, o analista de discurso não procuraria descobrir ali por que as pessoas implicadas deixaram de comer carne e peixe, mas, ao invés disso, estaria interessado em analisar como a decisão de se tornar vegetariano é legitimada pelos porta-vozes, ou como eles respondem a críticas potenciais, ou como eles formam uma auto-identidade positiva (Gill, 2002, p. 151).*

A maior parte das investigações desenvolvidas pela perspectiva do enquadramento interpretativo no estudo de movimentos sociais estabelece problemas de pesquisa com essas características. Pesquisadores buscam compreender, por exemplo: como molduras da ação coletiva são construídas e transformadas (Snow e Byrd, 2007; Valocchi, 2005); como disputas e dilemas de enquadramento emergem e são resolvidas dentro de movimentos sociais (Benford, 1993b; Pereira, 2014); como estruturas

organizacionais internas, atores externos a movimentos sociais e oportunidades políticas produzem ou influenciam a produção de enquadramentos interpretativos (Kenney, 2005; Noakes, 2005; Rohlinger, 2002; Schneider, 2005; Walgrave e Massens, 2005); e como outros indivíduos usam enquadramentos produzidos por movimentos sociais (entre outras fontes de interpretação) para compreender o mundo (Gamson e Modigliani, 1989; Gamson et al., 1992).

Nessa fase, é necessário também selecionar o material a ser analisado. Aponta-se a necessidade de que os materiais estudados, ao mesmo tempo, tenham uma unidade que permita a comparação e uma pluralidade que seja suficiente para explorar as hipóteses de trabalho a partir da mudança de contextos interativos (ou históricos, no caso da análise pós-estruturalista) (Pinto, 2006). Autores que aplicam a perspectiva do enquadramento interpretativo para o estudo de movimentos sociais usam fontes como: discursos públicos dos ativistas; falas encontradas por meio da observação participante (Benford, 1993a, 1993b; Schneider, 2005); documentos internos de organizações de movimentos sociais (como atas de reuniões, memorandos e relatórios) (Benford, 1993a, 1993b; Rohlinger, 2002); entrevistas formais e informais com ativistas (Benford, 1993a, 1993b; Kenney, 2005; Rohlinger, 2002; Schneider, 2005); falas produzidas em grupos focais (Gamson e Modigliani, 1989; Schneider, 2005); documentos e falas produzidas por atores que interagem com os ativistas (como jornalistas e atores inseridos na estrutura estatal); (Noakes, 2005; Walgrave e Manssens, 2005); textos e falas reproduzidas em arenas de disputa de significados como a grande mídia (Prudencio e Santos, 2011; Rohlinger, 2002); entre outros.

No que tange à análise propriamente dita, a literatura sobre tal método não indica procedimentos sistemáticos de categorização tais como aqueles observados na AC. De forma geral, analistas de discurso buscam conectar os contextos de produção aos discursos e, principalmente na AD interacionista, buscam as "funções" do texto produzido, ou seja, as motivações da ação discursiva dos atores. Nesse processo, a interpretação do pesquisador é central, bem como a referência a estudos anteriores que indiquem determinadas influências de contextos de produção e determinadas "funções" de tipos de discurso. Salienta-se, nesse caso, a importância de uma "leitura crítica", vista como aquela influenciada pelos pressupostos construcionistas de análise, bem como são indicadas "dicas" de análise, como a busca pelo "problema a ser resolvido" pela fala para a identificação de sua "função" (Gill, 2002).

Uma sistematização de princípios de análise de enquadramentos no estudo de movimentos sociais é proposta por Johnstone (1995, 2005), que busca integrar elementos mais dinâmicos à sua análise estrutural de molduras. O autor sugere cinco "princípios de análise" relevantes para a análise dos enquadramentos: a análise do texto como uma construção histórica, estudando-o de forma total e examinando conexões tácitas com elementos de outros textos; o exame da situação de fala (regras tácitas sobre o que deve ser falado e como deve ser falado em

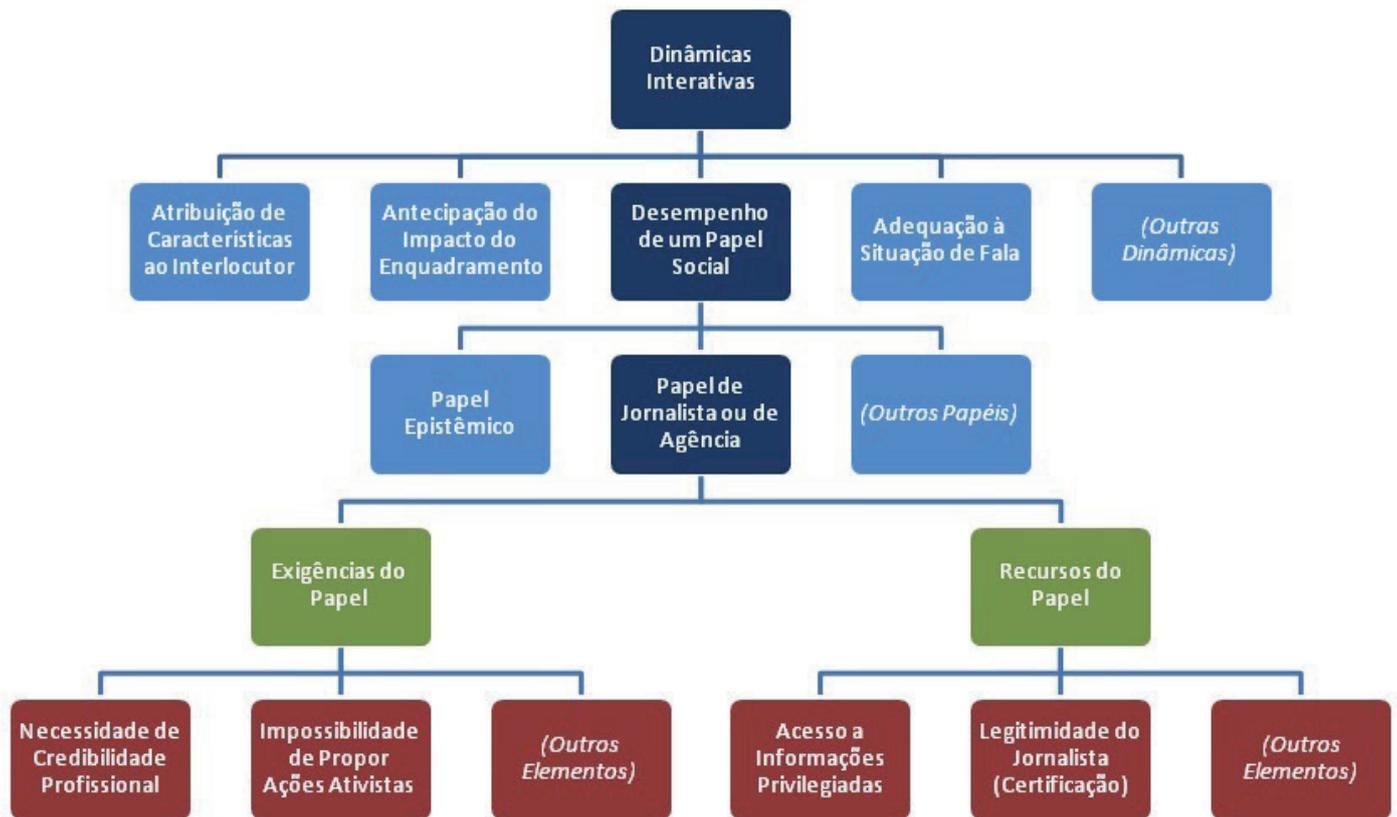


Figura 2. Categorização do Enquadramento na Dinâmica Interativa de Desempenho do Papel Social “Jornalista ou Agência de Notícias”.

Figure 2. Framing Categorization in the Interactive Dynamics of the Performance of the “Journalist or News Agency” Social Role.

dado conjunto de interações); o exame dos papéis sociais desempenhados pelos atores; a análise da intenção pragmática (os objetivos) dos atores nas interações; e a análise das “dicas não verbais” nas interações, tais como olhares, entonações, estilos de escrita, etc. (Johnston, 1995, 2005).

Excetuando-se exemplos como este, observa-se a persistente falta de sistematização dos procedimentos da AD, sendo esta uma das principais críticas a ela dirigidas, na medida em que tal falha poderia significar uma ameaça à validade das análises. Gill (2002), no entanto, argumenta que a validade da análise pode ser assegurada por meio da busca por casos desviantes, da coerência com estudos anteriores e pela avaliação dos próprios atores que produzem os discursos. Buscando aprofundar o uso dessa última “solução” para o incremento da validade da análise, propõe-se um modelo alternativo de AD aplicada à análise do enquadramento (Pereira, 2014).

Como exposto anteriormente, na pesquisa na qual essa proposta metodológica foi desenvolvida e aplicada, no que tange ao enquadramento, buscava-se compreender como dinâmicas interativas particulares influenciavam ativistas a valorizar mais ou menos determinados tipos de molduras interpretativas

em sua interação com representantes da grande mídia. Para isso, foram selecionados casos que representassem as diferentes posturas de ativistas para uma análise em profundidade. Assim, os materiais selecionados faziam parte de um conjunto coerente de interações (envolviam ativistas de direitos animais e grande mídia), mas buscavam a pluralidade necessária pela seleção de episódios de interação nos quais diferentes tipos de moldura eram mais utilizados (Pereira, 2014).

Para resolver o problema da validade da análise, foi assumido o pressuposto teórico da etnometodologia de que atores sociais têm um conhecimento mínimo das estruturas sociais, que permite a condução de suas ações cotidianas (Garfinkel, 2006). Foram realizadas entrevistas com ativistas envolvidos nesses episódios selecionados de interação com a grande mídia. Nessas entrevistas, atores eram estimulados a pensar sobre os impactos de alguns elementos interativos sobre o enquadramento produzido. Exemplificando de forma mais concreta, os ativistas foram questionados sobre o que buscaram falar ao seu interlocutor e estimulados a conectar seu enquadramento a elementos como as características atribuídas ao outro e seus objetivos nessa interação (Pereira, 2014).

De certa forma, portanto, os próprios atores foram estimulados a realizar uma análise de seu discurso<sup>10</sup>. Isso tornou possível que fossem exploradas tanto dimensões interativas previstas teoricamente como relevantes para influenciar a postura dos ativistas quanto dimensões identificadas pelos próprios atores. A adequação às "situações de fala"<sup>11</sup>, por exemplo, apesar de ser destacada pela literatura, não estava prevista como uma dimensão importante do esquema analítico. No entanto, entrevistados constantemente explicavam seu enquadramento em dada interação pela adequação às normas implícitas da seção do jornal à qual a matéria era destinada. Concluiu-se, assim, que essa era uma dinâmica interativa essencial nesse caso e que, em interações com a grande mídia, as situações de fala são, em grande parte, construídas pelas linhas editoriais não só do jornal como um todo, mas das seções e cadernos específicos que o compõem (Pereira, 2014).

As entrevistas foram, posteriormente, analisadas com auxílio de um software, sendo utilizados procedimentos semelhantes aos empregues na AC. Assim, a análise do discurso construída juntos aos ativistas foi sistematicamente categorizada para que as dinâmicas interativas fossem analisadas de forma a permitir comparações. Novamente, foram construídas árvores cujos níveis superiores se referiam a conceitos e cujos níveis inferiores foram construídos por meio da referência a elementos empíricos. A Figura 2 ilustra esse procedimento na análise do impacto do desempenho de um papel social no enquadramento. Nela, são utilizados os mesmos códigos de cores presentes na Figura 1, sendo destacado na cor verde um nível intermediário, construído posteriormente, para melhor organização dos referentes empíricos (Pereira, 2014).

Por meio dessa análise, foi possível compreender, por exemplo, a postura da Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA) em interação com veículos de comunicação. Por serem ativistas organizados em forma de agência de notícias, a interação com outros representantes da grande mídia se dava a partir do desempenho do papel de "jornalista de agência de notícias". A análise permitiu identificar que o desempenho desse papel impõe, ao mesmo tempo, custos e benefícios a quem o desempenha. Por um lado, ativistas têm acesso a informações privilegiadas sobre os grandes meios de comunicação (pautas atuais, contatos com jornalistas, etc.), bem como tinham sua fala legitimada por serem vistos como "profissionais". Para manter essa legitimidade, no entanto, o desempenho desse papel implica corresponder a exigências a ele vinculadas, tais como a impossibilidade de desempenhar de forma concomitante o papel de "militante", o que implica, por exemplo, a impossibilidade de que ativistas ligados a tais organizações organizem e divulguem eventos de protesto (Pereira, 2014).

Assim, a AD interacionista pode ser utilizada para viabilizar o estudo dos enquadramentos. A principal vantagem desse método é a sua capacidade de superar o viés descritivo e a análise "presa" ao conteúdo das mensagens, incorporando elementos contextuais que permitem a compreensão da forma pela qual enquadramentos são produzidos em uma interação. É necessário, no entanto, estar atento às dificuldades de validação da análise, desenhando-se modelos de pesquisa que sejam capazes de superar essa barreira.

## Considerações finais

Esse trabalho buscou aproximar diversas soluções metodológicas apresentadas por estudiosos que utilizam a abordagem do enquadramento interpretativo. A base teórica para essa aproximação é formada por teorias pragmáticas da ação social, bem como pela divisão conceitual entre "molduras" – definidas como estruturas de significado internas – e "enquadramentos" – definidos como processos interativos de negociação de sentido. A base metodológica para essa aproximação é construída a partir das reflexões produzidas por analistas de conteúdo e de discurso.

O modelo apresentado tem como principal virtude a capacidade de estar atento à ação dos indivíduos em contextos interativos, sem ignorar a presença de estruturas de significados prévias que moldam suas possibilidades de ação, sendo aplicável a estudos que assumem pressupostos interacionistas de análise. É necessário, ainda, utilizar tal modelo no estudo de realidades empíricas e problemas de pesquisa diversos, explorando em profundidade seus vieses, limitações e potenciais de desenvolvimento.

## Referências

- BARDIN, L. 1997. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 225 p.
- BAUER, M. 2002. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: M.W. BAUER; G. GASKELL (org.), *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes, p. 189-217.
- BENFORD, R.D. 1993a. "You Could be the Hundreth Monkey": Collective Action Frames and Vocabularies of Motive within the Nuclear Disarmament Movement. *The Sociological Quarterly*, 34(2):95-216. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.1993.tb00387.x>
- BENFORD, R.D. 1993b. Frame Disputes within the Nuclear Disarmament Movement. *Social Forces*, 71(3):677-701. <https://doi.org/10.2307/2579890>
- BENFORD, R.D. 1997. An Insider's Critique of the Social Movement Framing Perspective. *Sociological Inquiry*, 67:409-430. <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1997.tb00445.x>

<sup>10</sup> É necessário ressaltar que a situação de entrevista é também um episódio de interação e de produção de enquadramentos. O pesquisador deve estar atento a isso.

<sup>11</sup> Uma "situação de fala" é definida como "um episódio delimitado de interação no qual existem regras sociais específicas sobre o que deve e o que não deve ser falado" (Johnston, 1995, p. 222, tradução minha).

- BENFORD, R.D.; SNOW, D.A. 2000. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, 26:611-639. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.26.1.611>
- CRESS, D.M.; SNOW, D.A. 2000. The Outcomes of Homeless Mobilization: The influence of organization, disruption, political mediation, and framing. *American Journal of Sociology*, 105(4):1063-1104. <https://doi.org/10.1086/210399>
- EARL, J.; MARTIN, A.; MCCARTHY, J.D.; SOULE, S.A. 2004. The Use of Newspaper Data in the Study of Collective Action. *Annual Review of Sociology*, 30:65-80. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.30.012703.110603>
- GAMSON, W.; CROTEAU, D.; HOYNES, W.; SASSON, T. 1992. Media Images and the Social Construction of Reality. *Annual Review of Sociology*, 18:373-393. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.18.080192.002105>
- GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. 1989. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, 95(1):1-37. <https://doi.org/10.1086/229213>
- GARFINKEL, H. 2006. *Estudios en Etnometodologia*. Barcelona, Anthropos Editorial, 319 p.
- GILL, R. 2002. Análise de discurso. In: M.W. BAUER; G. GASKELL (org.), *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes, p. 244-270.
- GOFFMAN, E. 1986. *Frame Analysis: An essay on the organization of experience*. Boston, Northeastern University Press, 586 p.
- GOFFMAN, E. 2002. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 231 p.
- GOFFMAN, E. 2011. *Rituais de Interação: ensaios sobre o comportamento face-a-face*. Petrópolis, Vozes, 255 p.
- GOFFMAN, E. 2012. *Os Quadros da Experiência Social: uma Perspectiva de Análise*. Petrópolis, Vozes, 720 p.
- HEWITT, L.; McCAMMON, H. 2005. Explaining Suffrage Mobilization: Balance, neutralization, and range in collective action frames. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 33-52.
- JOHNSTON, H. 1995. A Methodology for Frame Analysis: From discourse to cognitive schemata. In: H. JOHNSTON; B. KLANDERMANS (orgs.), *Social Movements and Culture: Social movements, protest, and contention*. Minneapolis, University of Minnesota Press, vol. 4, p. 217-246.
- JOHNSTON, H. 2005. Comparative Frame Analyses. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 237-260.
- JOHNSTON, H.; ALIMI, E.Y. 2012. Primary Frameworks, Keying and the Dynamics of Contentious Politics: The islamization of the Chechen and Palestinian national movements. *Political Studies*, 60:603-620. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9248.2011.00927.x>
- JOHNSTON, H.; ALIMI, E.Y. 2013. A Methodology Analyzing for Frame Dynamics: The Grammar of keying battles in Palestinian nationalism. *Mobilization: An International Quarterly*, 18(4):453-474.
- JOHNSTON, H.; OLIVER, P. 2005. Breaking the Frame. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 213-216.
- KENNEY, P. 2005. Framing, Political Opportunities, and East European Mobilization. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 143-161.
- KOENIG, T. 2004. Reframing Frame Analysis. In: ASA Meeting, 99, San Francisco, United States, 2004. *Anais...* Disponível em: [http://www.restore.ac.uk/lboro/research/methods/Frames\\_and\\_CAQDAS\\_ASA.pdf](http://www.restore.ac.uk/lboro/research/methods/Frames_and_CAQDAS_ASA.pdf)
- McADAM, D.; MCCARTHY, J.D.; ZALD, M.N. (orgs.). 1999. *Movimientos Sociales: Perspectivas Comparadas: Oportunidades Políticas, Estructuras de Movilización y Marcos Interpretativos Culturales*. Madrid, Istmo, 529 p.
- McADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. 2001. *Dynamics of Contention*. Cambridge, Cambridge University Press, 387 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511805431>
- McCAMMON, H.J.; NEWMAN, H.D.; MUSE, C.S.; TERRELL, T.M. 2007. Movement Framing and Discursive Opportunity: The political successes of the U.S. women's jury movements. *American Sociological Review*, 72(5):725-749. <https://doi.org/10.1177/000312240707200504>
- NOAKES, J.A. 2005. Official Frames in Social Movement Theory: The FBI, HUAC and the Communist Threat in Hollywood. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 89-111.
- NOAKES, J.A.; JOHNSTON, H. 2005. Frames of Protest: A Road Map to a Perspective. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 1-29.
- OLIVER, P.E.; JOHNSTON, H. 2005. What a Good Idea! Ideologies and Frames in Social Movement Research. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p.185-203.
- ORLANDI, E.P. 2005. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Ed. Pontes, 100 p.
- PÊCHEUX, M. 1997. *O Discurso: estrutura e acontecimento*. Campinas, Ed. Pontes, 68 p.
- PEREIRA, M.M. 2014. *Enquadramento Interpretativo, Lógicas de Ação e Dinâmicas Interativas: dilemas em interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia*. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 325 p.
- PINTO, C.R. 2006. Elementos para uma Análise de Discurso Político. *Revista Barbarói*, 24:78-109.
- PRUDENCIO, K.C.S.; SANTOS, J.J. 2011. Mídia e Movimentos Sociais: um esboço metodológico a partir da frame analysis de Erving Goffman. In: Encontro da Compólitica, 4, Rio de Janeiro, 2011. *Anais...* Rio de Janeiro.
- PUGH, A.J. 2013. What Good are Interviews for Thinking about Culture? Demystifying Interpretative Analysis. *American Journal of Cultural Sociology*, 1(1):42-68. <https://doi.org/10.1057/ajcs.2012.4>
- ROHLINGER, D.A. 2002. Framing the Abortion Debate: Organizational resources, media strategies, and movement-counter movement dynamics. *The Sociological Quarterly*, 43(4):479-507. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.2002.tb00063.x>
- SCHNEIDER, C. 2005. Political Opportunities and Framing Puerto Rican Identity in New York City. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 163-181.
- SILVA, M.K.; ARAÚJO, G.O.; PEREIRA, M.M. 2011. Dinâmicas da Ação Coletiva: análise de eventos de protesto no estudo de repertórios associativos. In: Congresso Internacional da ALAS, 28, Recife, 2011. *Anais...* Recife.
- SILVA, M.K.; COTANDA, F.C.; PEREIRA, M.M. [no prelo]. Interpretação e a Ação Coletiva: o "enquadramento interpretativo" no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*.
- SNOW, D.A.; BENFORD, R.D. 1988. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *International Social Movements Research*, 1:197-218.
- SNOW, D.A.; BENFORD, R.D. 2005. Clarifying the Relationship between Framing and Ideology. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 205-211.

- SNOW, D.A.; BYRD, S.C. 2007. Ideology, Framing Processes, and Islamic Terrorist Movements. *Mobilization: An International Quarterly Review*, 12(1):119-136.
- SNOW, D.A.; VLIENGENTHART, R.; CORRIGALL-BROWN, C. 2007. Framing the French Riots: A comparative study of frame variation. *Social Forces*, 86(2):385-415. <https://doi.org/10.1093/sf/86.2.385>
- SWIDLER, A. 1986. Culture in Action: Symbols and strategies. *American Sociological Review*, 51(2):273-286. <https://doi.org/10.2307/2095521>
- SWIDLER, A. 2001. *Talk of Love: How culture matters*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 299 p.
- SWIDLER, A. 2008. Comments on Stephen Vaisey's "Socrates, Skinner, and Aristotle: Three ways of thinking about culture in action". *Sociological Forum*, 23(3):614-618. <https://doi.org/10.1111/j.1573-7861.2008.00080.x>
- TARROW, S. 2009. *O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis, Vozes, 319 p.
- VAISEY, S. 2008a. Socrates, Skinner, and Aristotle: Three ways of thinking about culture in action. *Sociological Forum*, 23(3):603-613. <https://doi.org/10.1111/j.1573-7861.2008.00079.x>
- VAISEY, S. 2008b. Reply to Ann Swidler. *Sociological Forum*, 23(3):619-611. <https://doi.org/10.1111/j.1573-7861.2008.00081.x>
- VAISEY, S. 2009. Motivation and Justification: A dual-process model of culture in action. *American Journal of Sociology*, 114(6):1675-1715. <https://doi.org/10.1086/597179>
- VALOCCHI, S. 2005. Collective Action Frames in the Gay Liberation Movement, 1969-1973. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p.53-67.
- WALGRAVE, S.; MANSSENS, J. 2005. Mobilizing the White March: Media Frames as Alternatives to Movement Organizations. In: H. JOHNSTON; J.A. NOAKES (org.), *Frames of Protest: Social movements and the framing perspective*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, p. 113-140.

Submetido: 03/02/2016  
Aceito: 08/07/2016